A EVOLUÇÃO de Campinas. Correio Popular, Campinas, 13 jul. 1980.

A evolução de Campinas

Como comprovam documentos da época em que o Brasil ainda era colônia portuguesa e outros, posteriores, de viajantes que por aqui passaram ou de elementos que escreveram sobre Campinas, o solo campineiro, em sua maioria, era recoberto por densa mata, da qual nos restam ainda alguns testemunhos, entre os quais, o mais significativo, na Fazenda Santa Genebra, em Barão Geraldo. Numa clareira dessa densa mata, num dos três campinhos, aqui existentes no meio da frondosa vegetação, foi que Frei Antonio de Pádua rezou a Missa, marco inicial da cidade.

Nasceu Campinas sob a proteção de Nossa Senhora da Conceição, cuja imagem fôra entronizada pela gente de Barreto Leme na primitiva e tosca capelinha construida às pressas. Com esse ato religioso, consolidava-se o ato político-administrativo do Morgado de Mateus, unindo-se Igreja e Estado para concretização das aspirações da comunidade campineira nascente nestas paragens, de solo uberrimo e clima ameno.

Aqui chegados a partir da década de final 40, os migrantes se estabeleceram em suas casas dispersas pela área. Viveram eles nesses primeiros anos aqui, plantando gêneros para sua subsistência e vendendo os excedentes aos itinerantes. Sem assistência religiosa no local, eram obrigados a ir a Jundiaí para se desobrigarem de seus deveres para com Deus. Faltava-lhes uma igreja, que, por um lado, atendesse às suas necessidades espirituais e, por outro, lhes servisse de ponto de encontro, nas horas de lazer.

Existia aqui, é verdade, um cemitério bento, em precárias condições, faltando-lhes, entretanto, uma igreja para os ofícios religiosos. Foi então que, por intermédio de seus líderes, os habitantes do bairro rural das "Campinas do Mato Grosso" resolveram solicitar licença às autoridades eclesiásticas para erigir uma capela, onde sacerdotes que por aqui passassem lhes dessem assistência espiritual. Depois de vencerem vários obstáculos, a gente campineira conseguiu a licença solicitada, tratando de construir a Matriz da Paróquia a ser instalada. Como a construção da Matriz (onde está a Basílica do Carmo, atualmente), se processasse morosamente, resolveram os habitantes construir uma capela provisória, obtendo também a licença para isso.

Passando à categoria de Freguesia, sob a invocação da padroeira Nossa Senhora da Conceição, o povoado que se iniciou ao redor da Matriz progrediu tanto, que 23 anos mais tarde, a 20 de outubro de 1797, era elevado à categoria de Vila com o nome de Vila de São Carlos. O açúcar aqui produzido foi oprimeiro produto de exportação. A hegemonia da cana-de-açúcar durou até meados do Século XVIII, pois a partir dos primeiros anos da segunda metade daquele Século, o café que já era plantado há alguns anos em algumas fazendas campineiras, começou a expandir-se, tomando o lugar da cana-de-açúcar. Em 1842, a 14 de dezembro, a Vila de São Carlos eleva-se à categoria de cidade com o atual nome de Campinas.

Campinas vivia e prosperava. Seu poderio econômico, seu prestígio social e sua força política eram evidentes. A História do Brasil tem muitos capítulos escritos em Campinas, devendo ser posto em destaque a atuação de seus filhos na Proclamação da República, entre os quais estão Francisco Glicério e Campos Sales.

Mas não se pense, que foi sempre assim. Campinas, como toda comunidade, teve seus períodos negativos, como aqueles em que aqui grassou a febre amarela e aquele, já neste Século, por volta de 1930, quando houve aquela catástrofe, que abateu a economia nacional: a crise do café. Campinas, entretanto, não se abateu. Reagiu e, como a Fênix, que integra seu brasão, ressurgiu de seus próprios escombros, renascendo das cinzas como o pássaro lendário.

Hoje, com uma lavoura diversificada e de alta tecnologia, com um parque industrial pujante, e, sobretudo, com serviços à disposição dos habitantes do Município e da Região composta de 83 unidades, da qual é a capital, Campinas desfruta de alto conceito em todo o País.